

**A**o longo da história da Neurologia, doenças que apresentam a ataxia como um dos seus componentes, dentro de um contexto evolutivo gradual, têm sido classificadas como “doenças degenerativas”, “degenerações cerebelares progressivas”, “ataxias familiares”, “ataxias familiares progressivas”, “ataxias hereditárias” ou mesmo “degeneração cerebelar progressiva não-familiar”, entre outros termos. A eponímia empregada ao longo dos anos foi exuberante, e sempre causou uma grande dificuldade entre os neurologistas a sua exata diferenciação. A grande variabilidade fenotípica inter ou intrafamiliar também sempre causou certa perplexidade. A tentativa de uma classificação baseada em dados clínicos, como sempre se fez ao longo dos anos, inevitavelmente resultava em fracasso. Com os conhecimentos de genética molecular que os últimos anos nos trouxeram, autores como Anita Harding, que para nossa pouca sorte faleceu recentemente em idade tão precoce, passaram a propor novas classificações das ataxias hereditárias. Utilizando-se dados clínicos e genéticos estamos nos aproximando de uma compreensão nosológica mais holística, mais real, e que poderá, com as revisões que ainda serão realizadas, vir a satisfazer nossas necessidades. Teive, que foi o primeiro autor a publicar casos de doença de Machado-Joseph em nosso meio – lembrando que Radvany e cols. foram os pioneiros em relatar esta enfermidade no Brasil –, nos traz uma revisão sobre as ataxias espinocerebelares, termo que vem substituir o de ataxias hereditárias autossômicas dominantes, com um detalhamento clínico e da genética molecular, que é do maior interesse dos neurologistas em geral.

Ao longo dos anos, uma disputa tem ocorrido entre especialistas no campo do estudo da doença de Parkinson (DP) no tocante às relações entre casos de tremor essencial (TE) e de DP, que ocasionalmente são vistos coincidindo numa mesma família ou em um mesmo paciente. Há os que consideram o tremor essencial como uma entidade monossintomática e, portanto, não entendem um tremor postural ou de ação num paciente parkinsoniano como evidência de coexistência de TE e DP, senão um parkinsonismo com uma forma atípica de tremor, assim como a existência de sinais parkinsonianos leves num paciente com TE não permitiria que se mantivesse esse diagnóstico. Outros, mais permissivos em seus critérios diagnósticos, como Joseph Jankovic, admitem a possibilidade de haver um certo “overlap” entre as duas condições. Inserido nessa discussão, o trabalho trazido por Gonçalves e Barbosa vem rever dados epidemiológicos existentes na literatura que sejam relevantes para um melhor esclarecimento.

Entre os distúrbios da comunicação mais dramáticos que possam ser produzidos por uma lesão cerebral, as afasias sempre se colocam na linha de frente. Bertolucci e cols. vêm nos trazer uma interessante contribuição na conceituação de um defeito de comunicação, a afemia, na qual pacientes apresentam uma intensa dificuldade de emitir a linguagem oral, com uma preservação

da compreensão e da linguagem escrita. As sutilezas desse diagnóstico e suas relações com a afasia são colocadas baseando-se o trabalho em um caso demonstrativo.

O artigo original deste número, trazido por Palmini e cols., é uma magnífica e imperdível revisão sobre a avaliação pré-cirúrgica de pacientes com epilepsia parcial refratária ao tratamento farmacológico habitual, com especial enfoque para os avanços tecnológicos e conceituais. Os múltiplos testes a que são submetidos os pacientes candidatos à cirurgia de epilepsia, eventualmente podem levar a resultados ambíguos ou mesmo conflitantes, e devemos estabelecer uma hierarquia entre eles, de modo a permitir uma intervenção segura quanto ao resultado final. A delimitação da *zona epileptogênica*, que é a região que necessariamente deve ser extirpada para que haja um controle das crises, é o objetivo final dos testes. Os autores nos trazem uma visão objetiva e descomplicada de como se deve lidar com os dados que se obtêm na avaliação e fazem comentários sobre os conceitos mais atuais sobre as epilepsias focais.

Mais uma vez estamos certos de que nossos leitores se beneficiarão muito com a leitura deste número. Temos recebido muitas manifestações positivas acerca da linha editorial da revista, o que nos reafirma o acerto da mesma. Até o nosso próximo número.

Luiz Augusto Franco de Andrade

Eliova Zukerman